

JAZZ  
26 SETEMBRO 2015  
CICLO "ISTO É JAZZ?"  
COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Mette Rasmussen

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Saxofone alto Mette Rasmussen

Sáb 26 de setembro  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

## O efeito de um vendaval

Mette Rasmussen. O nome é ainda pouco conhecido em Portugal, assim como o é em toda a Europa mais a Sul e no outro lado do Atlântico – na Escandinávia, pelo contrário, já conquistou um estatuto especial. Por cá, quando se fala em mulheres saxofonistas, os primeiros nomes que nos vêm à ideia são os de Ingrid Laubrock, Lotte Anker e Christine Abdelnour. A seguir, os melómanos mais conhecedores dos meandros do jazz criativo e da música livremente improvisada juntam os de Maguelone Vidal, Alexandra Grimal, Franziska Schroeder e Jessica Lurie. Ao fazê-lo, verificam que nunca como agora houve tantas saxofonistas femininas a ganharem destaque. Sinal dos tempos? Uma indicação de que a hegemonia masculina destas áreas da música está a mudar?

Pois Mette surgiu neste panorama no último par de anos com o efeito de um vendaval, e isso porque o que faz com um saxofone alto é extraordinário. Inacreditável mesmo. Ao nível técnico e ao nível da inventividade, ao mesmo tempo contradizendo aquela preconceituosa noção de que as mulheres tocam “delicadamente” porque lhes falta a hormona do expressionismo jazzístico. São muitos os queixos que ela tem feito cair, produzindo sons que não sabíamos serem possíveis com o instrumento inventado por Adolphe Sax... Justificadamente ou não (porque Rasmussen também gosta de visitar o mundo liliputiano dos detalhes), alguma crítica chega inclusive a rotular a sua

abordagem como *noise*. Conta a própria dinamarquesa que está a surpreender o público, em todo o lado onde atua: «Num concerto em Berlim, no A L'Arme Festival, que fiz há umas semanas encontrei o melhor sistema de som que me podia ser disponibilizado. Usei dois microfones e as frequências altas ultrapassaram os 10 000 Hz.»

E no entanto, Mette Rasmussen desvaloriza o fator género. Ou melhor, adota uma postura de *gender bending*: «Sim, sou uma mulher, mas isso não é determinante. As pessoas com quem toco são grandes músicos, pouco me importando qual é o género deles. Acho que “feminino” não tem necessariamente de equivaler a mulher e “masculino” não tem de equivaler a homem. É isso que está a mudar e essa transformação tem acontecido naturalmente. Somos todos iguais, independentemente do género, da idade, da religião, da raça ou da orientação sexual. Pela minha parte faço o que é suposto fazer: o meu foco está em tocar música improvisada e não em ser uma mulher que toca saxofone.»

A verdade é que a matriz da música tocada por Mette está no jazz mais musculado que vem existindo, e designadamente na tradição brutalista representada por Albert Ayler e Peter Brötzmann. É à influência de ambos que deve o seu estilo rude, agreste e cortante. «Ouvi muito Ayler quando era adolescente e estava bastante dentro do lado espiritual da sua música. Ele tinha um som cru e humano, rico em harmónicos. Recordo-me de ouvir vezes sem conta, com os auscultadores, as

entrevistas que deu na Dinamarca entre 1964 e 1966», comenta.

Ainda assim, a saxofonista procura ir para além das coordenadas discursivas, e de fraseado, distintivas daqueles dois ícones e da generalidade do *free jazz* e da *old school* da improvisação. Fá-lo por meio da construção de texturas abstratas, na linha de sopradores ditos “reducionistas” como Jean-Luc Guionnet, Stéphanes Rives ou a acima mencionada Christine Abdelnour. Para ela, é simplesmente um recurso mais no âmbito do que se pode fazer: «Trabalho com diferentes técnicas e o que me inspira é... tudo, desde velhos discos de jazz ao som da minha bicicleta quando subo a colina onde vivo. Uso a minha linguagem, o meu vocabulário, para improvisar com os outros, e esse vocabulário integra elementos variados. Se em alguns momentos não surgem é porque estariam fora de contexto. Não é algo em que eu pense muito.»

Nesta vinda a Portugal, um mês depois de ter participado no Jazz em Agosto integrada na Fire! Orchestra, Mette Rasmussen surge num formato bem difícil, o solo. Algo a que poucos se atrevem com um saxofone desde que Coleman Hawkins gravou um tema sem acompanhamento, *Picasso*, em 1948, e Anthony Braxton lhe dedicou todo um disco em 1970, *For Alto*. Apenas os muito grandes o fizeram, a exemplo de Sonny Rollins, Steve Lacy, Evan Parker, Joe McPhee, David S. Ware ou David Liebman. «Só à terceira vez que fiz um concerto a solo me senti ligada a este tipo de situação. Antes disso a improvisação significava para mim a comu-

nicação estabelecida com quem toco. Custou-me descobrir a enorme dose de liberdade que há num solo. É isso que assusta no início, mas estar sozinha no palco não constitui uma limitação, antes maximiza todas as possibilidades com que me deparo», refere a propósito.

De qualquer modo, é a pequenos grupos (duos, trios e mais raramente quartetos) que Mette dá mais atenção. Sobretudo o primeiro caso, buscando como interlocutores figuras como os bateristas Chris Corsano, Steve Noble e Corey Fogel ou como o manipulador de eletrónica Dennis Tyfus: «Gosto dos resultados produzidos por dois instrumentos, para além de que o diálogo é instantâneo e direto. Valorizo a interação musical com outros músicos e a situação que mais me coloca à beira do precipício é, precisamente, o duo. Não se trata de uma preferência, mas é por aí que as coisas têm seguido.»

Se os seus duos são voláteis, Rasmussen tem um trio fixo com um projeto específico, o Trio Riot. Específico porque pratica um jazz fortemente marcado pelas pulsações do *punk*. Mas não só pelos seus *riffs* tão característicos: a atitude, os aspetos formais, a dureza sonora e os aspetos políticos que estão por detrás são clara e assumidamente *punk*. Afirma ela: «*Punk* é tudo isso! A rebeldia não é algo que se esgote, ou pelo menos não devia. Temos de questionar o mundo em que vivemos, os governos, os *media*, não acreditando cegamente em terceiros. É preciso pensar sobre os problemas e debatê-los, e é necessário expressar essas ideias. O *punk* é isso, nos dias de hoje. Nunca

devemos utilizar o Estado como uma desculpa para a ética.»

Mette Rasmussen. Um novo e especialmente cativante nome que se acrescenta ao rol de músicos escandinavos que vimos descobrindo. Radicada na Noruega, que é a principal plataforma da música inovadora que se pratica a Norte, daí tem feito o ponto de partida e chegada das suas cada vez mais frequentes digressões. «Decidi viver neste país quando vim terminar o meu mestrado em Trondheim. Já cá estou há sete anos e tenho ouvido muitas coisas interessantes sempre que me desloco pelas cidades e pelas nações à volta. Sim, é verdade: há uma cena muito forte a acontecer por aqui», remata.

Rui Eduardo Paes  
Crítico de música, ensaísta,  
editor da revista online *jazz.pt*

Mette Rasmussen é uma saxofonista dinamarquesa sediada em Trondheim, na Noruega. Trabalha na área da música improvisada, revelando um largo espectro de influências. Desde o *free jazz* dos anos 50 do século passado a trabalhos de um som “textural”. Explora a crueza natural do seu instrumento, experimentando também o som e o timbre do saxofone em novas direções.

Começou a tocar música livremente improvisada numa fase muito inicial da sua carreira. Trabalhou tanto a improvisação livre como a composição com a banda dinamarquesa Saft. No último par de anos tem participado em diversos grupos e em formações ocasionais. Toca sobretudo pela Europa, em especial na Escandinávia. É membro do Trio Riot, uma banda suíça e britânica de jazz *punk* que se tem apresentado sobretudo no Reino Unido. Em 2013 formou um dueto de saxofone e bateria com o baterista americano Chris Corsano, com quem tem feito digressões pela Europa (sobretudo Escandinávia), Estados Unidos e Canadá. O duo gravou este ano o seu primeiro CD, *All The Ghosts at Once*, para a etiqueta Relative Pitch Records.

Para além dos concertos a solo que tem feito por todo o mundo, toca com o novo trio de Alan Silva e Ståle Liavik Solberg, a Trondheim Jazz Orchestra e a Fire! Orchestra, colaborando ainda com músicos como Rudi Mahall, Steve Noble, Axel Dörner, John Edwards, Pat Thomas e Craig Taborn.

Próximo espetáculo

# House of Dance

de Tina Satter

Teatro Sex 9, sáb 10, dom 11 de outubro

Ginásio CGD · 21h30 (dom 17h)

Duração: 1h10 · M12



© They Brooklyn

Sapateado, tensões que brotam e sonhos que regressam à vida num espetáculo a que o *New York Times* chamou “encantadoramente excêntrico”, servido pela escrita irónica e generosa de uma das mais entusiasmantes criadoras nova-iorquinas.

Próximo espetáculo de música

# Nuno Costa Detox

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 9 de outubro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



“Dá prazer ouvir e nunca é previsível. Não sinto que seja preciso pedir mais de um disco.” Mário Laginha sobre *Detox*, que estará na base deste concerto.

Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Miguel Wandschneider

**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

Horácio Fernandes

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt